

Medium
Date
Web address

Pint + Web
23.06.2024

https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/06/23/parece-facil-entender-meu-processo-de-criacao-mas-para-mim-e-tudo-caotico-diz-luiz-zerbini-com-mostra-em-cartaz-no-rio.ghtml

Publication
Author

Segundo Caderno – O Globo
Nelson Gobbi

4 | Segundo Caderno

Domingo 23.6.2024 | O GLOBO



'Primeira missa'. Proveniente do acervo do Masp, pintura de 2014 foi mostrada em individual do artista no museu paulistano, em 2022

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Maior exposição já dedicada a Luiz Zerbini, em cartaz até setembro no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio, "Paisagens ruminadas" tem seu título inspirado por uma frase do próprio pintor: "Viver é ruminar paisagens." O sentido figurado dado à forma de alimentação dos ruminantes, que retornam o alimento do estômago à boca para mastigá-lo novamente, é usado pelo paulistano, radicado no Rio desde os anos 1980, para refletir sobre seu trabalho. É um processo de criação no qual referências artísticas e a própria produção são retomadas e recriadas constantemente, em quase cinco décadas de carreira.

Com curadoria de Clarissa Diniz, a panorâmica perpassa trabalhos de Zerbini desde o final dos anos 1970, incluindo pinturas icônicas dos anos 1980 e 1990, até monotipias mais recentes. Com cerca de 140 obras, a mostra traz ainda trabalhos em outros suportes, como esculturas, criações assinadas pelo Chelipa Ferro (coletivo criado com o escultor Barão e o editor de cinema Sergio Mekler, em 1995) e "Pedrona" (2024), instalação inédita criada com materiais como isopor, poliuretano e resina.

CRÔNICA DA VIOLÊNCIA

A exposição traz ainda obras pouco vistas, como "Botafogo" (1988), pertencente a uma coleção particular e que aborda a violência urbana do Rio. O tríptico é citado por Caetano Veloso na faixa-título do álbum "O estrangeiro", lançado no ano seguinte (na mostra, a obra é mostrada junto a um monitor que exibe o clipe da música).

—A curadoria te faz ver a sua obra pelos olhos de outra pessoa, é bom ver tudo com os olhos da Clarissa. Tem coisas que eu nem lembrava direito. "Botafogo" não via há muito tempo, nem sei se ela chegou a ser exposta no Rio — comenta Zerbini. — Organi-

OLHAR QUE PENSA O MUNDO

EM CARTAZ NO CCBB DO RIO ANTES DE SEGUIR PARA BRASÍLIA, 'PAISAGENS RUMINADAS' REÚNE CERCA DE 140 OBRAS DE LUIZ ZERBINI NA MAIOR MOSTRA JÁ DEDICADA AO ARTISTA, QUE NEGA FICAR NOSTÁLGICO AO REVISITAR SUA PRODUÇÃO: 'O TRABALHO NO ATELÊ TE ANCORO NO PRESENTE'



Inédito. Luiz Zerbini diante da acrílica "Alma do olho quadrado" (2024), durante a montagem da mostra no CCBB

zando assim, parece mais fácil entender meu processo de criação, as ligações e as passagens ficam mais claras. Mas para mim é tudo mais caótico, fico realmente ruminando entre memórias e ideias, tudo se mistura. Fico surpreso de ter feito algumas coisas, não sei de onde vem aquilo direito. Mas não é um pensamento nostálgico, tem uma relação cotidiana do trabalho no ateliê que te ancora no presente.

CINCO NÚCLEOS

A curadoria da mostra, que ocupa todo o primeiro andar do CCBB, divide as obras em cinco núcleos: "Viver é ruminar paisagens", "O lugar de existência de cada coisa", "Da natureza alegórica da paisagem", "Eu paisagem" e "Não é só sobre o que se vê".

— O Luiz sempre se coloca como paisagista, e a mostra não aborda a paisagem apenas como uma forma de produzir uma imagem, só por seu significado histórico, e sim como uma categoria política — diz Clarissa Diniz. — Suas paisagens são uma forma de organizar o mundo, sujeitos, tempos, vidas. A imagem não fica reduzida ao cartão-postal, um lugar recortado num retângulo, que é uma armadilha fácil para a pintura. As suas obras buscam maneiras de articular o pensamento extremamente políticas, cada paisagem é um reflexo da sua postura como cidadão.

Os elementos sociais e políticos que atravessam as paisagens ficam mais evidentes em obras como "Primeira missa" (2014) — do acervo do Masp, que promoveu em 2022 a individual "Luiz Zerbini: a mesma história nunca é a mesma", com 50 obras e curadoria de Adriano Pedrosa e Guilherme Giuffrida —, "Eu paisagem" (1998) e a própria "Botafogo". Para o pintor, os temas surgem de forma natural, e não como discurso.

— Outro dia me perguntaram sobre as questões ecológicas do meu trabalho, como se existisse uma função por trás ou fosse

Medium
Date
Web address

Pint + Web
23.06.2024

https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/06/23/parece-facil-entender-meu-processo-de-criacao-mas-para-mim-e-tudo-caotico-diz-luiz-zerbini-com-mostra-em-cartaz-no-rio.ghtml

Publication
Author

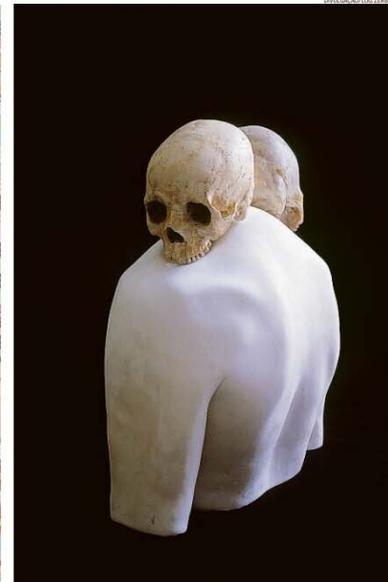
Segundo Caderno – O Globo
Nelson Gobbi

O GLOBO | Domingo 23.6.2024

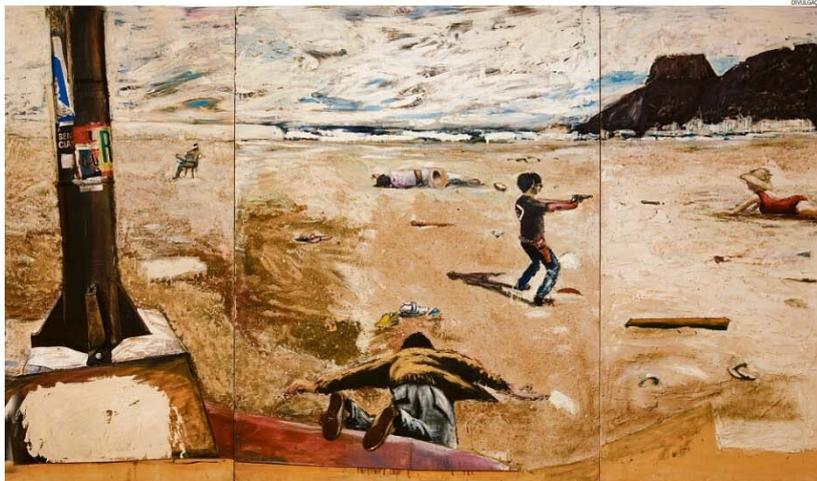
Segundo Caderno | 5



Concrete jungle: Representações da fauna e da flora e elementos da cultura urbana aparecem juntos em acrílica pintada em 2011



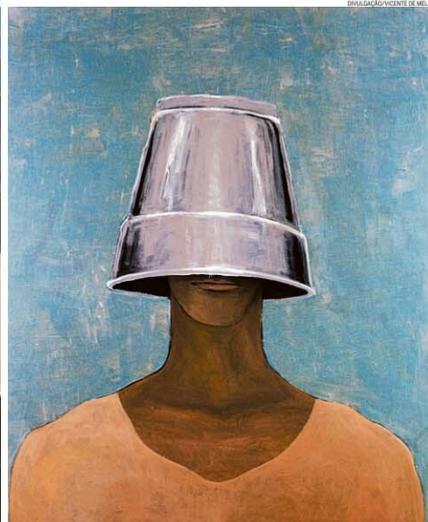
Escultura: "Carta ao Rei" (2000); exposição traz obras do artista em diferentes suportes



Triptico: Obra pouco vista pelo público. "Botafogo" (1988) é exibida ao lado do clipe da música "O estrangeiro", composta por Caetano Veloso no ano seguinte, inspirada pelo trabalho de Zerbini



Autorretrato: A acrílica de 1995 é uma das representações de si mesmo na mostra



"Abajur": Autorretrato de 1997 representa momento com "vergonha de tudo"

construído a partir disso. Mas o que vem antes é o indivíduo, o meu trabalho é uma consequência da minha vida, da forma como olho o mundo. Ele não está à frente disso — ressalta o pintor. — A forma como cada obra é construída traz questões políticas por refletirem o meu interesse pelo mundo. De querer saber que lugar é aquele, de onde vêm essas pessoas.

RETRATOS E MEMÓRIAS

A mostra (que, encerrada a temporada carioca, seguirá para o CCBB de Brasília) reúne também alguns dos autorretratos pintados por Zerbini ao longo dos anos. Além das telas representando o próprio rosto (ou, no caso da irreverente "Abajur", de 1997, com a cabeça coberta por um balde), o artista também pode ser visto encontrado em inserções dentro de outras obras. Aos 65 anos, completados em abril, o pintor diz que a visão dos retratos reunidos evoca, de certa maneira, os momentos em que foram produzidos.

— Tirando as monotipias mais recentes, nem fiz tanto autorretratos. Quase que um a cada dez anos. Em determinado momento você se questiona. Olho a tela e penso: "Quem é esse cara?" — diz o pintor. — De alguns me lembro melhor o que pensava na época. No "Abajur", estava sentindo uma vergonha de tudo, aí pensei numa avestruz e acabei fazendo o balde na cabeça. Em "Gavião" (1976) era jovem e fiz o corpo sobre a cidade, a representação de uma ideia suicida. Já pintei autorretrato depois de visitar meu pai pela última vez no hospital. O engraçado é que quem compra não vai ter a menor ideia do que sentia naquele momento, cada obra ganha um significado próprio.



'Paisagens ruminadas'

Onde: CCBB — Rua Primeiro de

Março 66, Centro (Tel.: 3808-2020).

Quando: Qua a seg, das 9h às 20h.

Até 2 de setembro. **Quando:** Grátis.

Classificação: Livre.

Medium
Date
Web address

Pint + Web
23.06.2024

https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/06/23/parece-facil-entender-meu-processo-de-criacao-mas-para-mim-e-tudo-caotico-diz-luiz-zerbini-com-mostra-em-cartaz-no-rio.ghtml

Publication
Author

Segundo Caderno – O Globo
Nelson Gobbi

Menu

GLOBO | Cultura

Buscar

Olá, Alessandra

Últimas | Política | Brasil | Rio | Mundo | Economia | Saúde | Cultura | Esportes | Colunistas | Opinião | Clube | Newsletters | Edição digital

Cultura

'Parece fácil entender meu processo de criação, mas para mim é tudo caótico', diz Luiz Zerbini, com mostra em cartaz no Rio

No CCBB carioca até setembro, a panorâmica 'Paisagens ruminadas' é a maior mostra já dedicada ao artista, com cerca de 140 obras, em diferentes suportes

Por Nelson Gobbi

23/06/2024 03h30 · Atualizado há 3 dias

Presentear matéria



Luiz Zerbini diante da tela 'Primeira missa' (2014), durante a montagem da exposição no CCBB — Foto: Ana Branco

Medium	Pint + Web	Publication	Segundo Caderno – O Globo
Date	23.06.2024	Author	Nelson Gobbi
Web address	https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/06/23/parece-facil-entender-meu-processo-de-criacao-mas-para-mim-e-tudo-caotico-diz-luiz-zerbini-com-mostra-em-cartaz-no-rio.ghtml		

Maior exposição já dedicada a **Luiz Zerbini**, em cartaz até setembro no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) do Rio, “Paisagens ruminadas” tem seu título inspirado por uma frase do próprio pintor: “Viver é ruminar paisagens”. O sentido figurado dado à forma de alimentação dos ruminantes, que retornam o alimento do estômago à boca para mastigá-lo novamente, é utilizado pelo paulistano radicado no Rio desde os anos 1980 para refletir sobre seu processo de criação, no qual referências artísticas e a própria produção são retomadas e recriadas constantemente, em quase cinco décadas de carreira.

Com curadoria de Clarissa Diniz, a panorâmica perpassa trabalhos de Zerbini desde o final dos anos 1970, incluindo por pinturas icônicas dos anos 1980 e 1990, até monotípias mais recentes. Com cerca de 140 obras, a mostra traz ainda trabalhos em outros suportes, como esculturas, criações assinados pelo Chelpe Ferro (coletivo criado com o escultor Barrão e o editor de cinema Sergio Mekler, em 1995) e “Pedrona” (2024), instalação inédita criada com materiais como isopor, poliuretano, e resina.

A exposição traz ainda obras pouco vistas, como o tríptico “Botafogo” (1988), pertencente a uma coleção particular e que aborda a violência urbana do Rio. Citada por Caetano Veloso na faixa-título do álbum “O estrangeiro”, lançado no ano seguinte (na mostra, a obra é mostrada junto a um monitor que exibe o clipe da música).

— A curadoria te faz ver a sua obra pelos olhos de outra pessoa, é bom ver tudo com os olhos da Clarissa. Tem coisas que eu nem lembrava direito. “Botafogo” não via há muito tempo, nem sei se ela chegou a ser exposta no Rio — comenta Zerbini. — Organizado assim, parece mais fácil entender meu processo de criação, as ligações e as passagens ficam mais claras. Mas para mim é tudo mais caótico, fico realmente ruminando entre memórias e ideias, tudo se mistura. Fico surpreso de ter feito algumas coisas, não sei de onde vem aquilo direito. Mas não é um pensamento nostálgico, tem uma relação cotidiana do trabalho no ateliê que te ancora no presente.

Medium
Date
Web address

Pint + Web
23.06.2024

<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/06/23/parece-facil-entender-meu-processo-de-criacao-mas-para-mim-e-tudo-caotico-diz-luiz-zerbini-com-mostra-em-cartaz-no-rio.ghtml>

Publication
Author

Segundo Caderno – O Globo
Nelson Gobbi



Zerbini e a curadora Clarissa Diniz diante da tela "Eu paisagem" (1998) — Foto: Ana Branco

A curadoria ocupa todo o primeiro andar do CCBB, divide as obras em cinco núcleos: “Viver é ruminar paisagens”, “O lugar de existência de cada coisa”, “Da natureza alegórica da paisagem”, “Eu paisagem” e “Não é só sobre o que se vê”.

Medium
Date
Web address

Pint + Web
23.06.2024

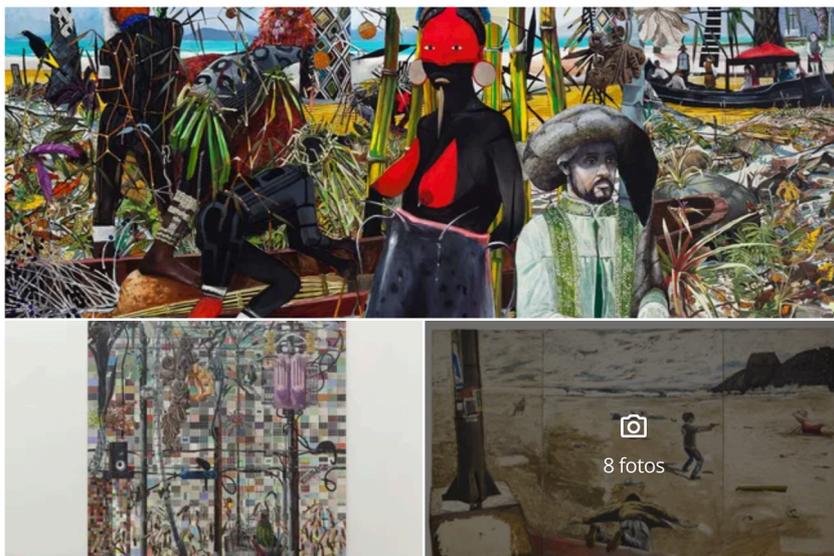
<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/06/23/parece-facil-entender-meu-processo-de-criacao-mas-para-mim-e-tudo-caotico-diz-luiz-zerbini-com-mostra-em-cartaz-no-rio.ghtml>

Publication
Author

Segundo Caderno – O Globo
Nelson Gobbi

— O Luiz sempre se coloca como um paisagista, e a mostra não aborda a paisagem apenas como uma forma de produzir uma imagem, só por seu significado histórico, e sim como uma categoria política — observa Clarissa Diniz. — Suas paisagens são uma forma de organizar o mundo, sujeitos, tempos, vidas. A imagem não fica reduzida ao cartão-postal, um lugar recortado num retângulo, que é uma armadilha fácil para a pintura. As suas obras maneiras de articular o pensamento extremamente política, cada paisagem é um reflexo da sua postura como cidadão.

Veja obras da retrospectiva 'paisagens ruminadas'



Mostra com 140 obras de Luiz Zerbini está em cartaz no CCBB do Rio

Os elementos sociais e políticos que atravessam as paisagem ficam mais evidentes em obras como “Primeira missa” (2014) — do acervo do Masp, que promoveu em 2022 a individual “Luiz Zerbini: a mesma história nunca é a mesma”, com 50 obras e curadoria de Adriano Pedrosa e Guilherme Giufrida — “Eu paisagem” (1998) e a própria “Botafogo”. Para o pintor, os temas surgem nas obras de forma natural, e não discurso.

— Outro dia me perguntaram sobre as questões ecológicas do meu trabalho, como se existisse uma função por trás ou fosse construído a partir disso. Mas o que vem antes é o indivíduo, o meu trabalho é uma consequência da minha vida, da forma como olho o mundo. Ele não está à frente disso — ressalta o pintor. — A forma como cada obra é construída traz questões políticas por refletirem o meu interesse pelo mundo. De querer saber que lugar é aquele, de onde vêm essas pessoas.

Medium
Date
Web address

Pint + Web
23.06.2024

<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/06/23/parece-facil-entender-meu-processo-de-criacao-mas-para-mim-e-tudo-caotico-diz-luiz-zerbini-com-mostra-em-cartaz-no-rio.ghtml>

Publication
Author

Segundo Caderno – O Globo
Nelson Gobbi

A mostra (que, encerrada a temporada carioca, seguirá para o CCBB de Brasília) reúne também alguns dos autorretratos pintados por Zerbini ao longo dos anos. Além dos telas representando o próprio rosto (ou, no caso da irreverente “Abajur”, de 1997, com a cabeça coberta por um balde), o artista também pode ser visto encontrado em inserções dentro de outras obras. Aos 65 anos, completados em abril, o pintor diz que a visão dos retratos reunidos evoca, de certa maneira, os momentos em que foram produzidos.

— Tirando as monotipias mais recentes, nem fiz tanto autorretratos assim. Quase que um a cada dez anos, acho que quase todos estão na exposição. Em determinado momento você se questiona, olho a tela e penso: “Quem é esse cara?” — diz o pintor. — De alguns me lembro melhor o que pensava na época. No “Abajur”, estava sentindo uma vergonha de tudo, aí pensei numa avestruz e acabei fazendo o balde na cabeça. Em “Gavião” (1976) era jovem e fiz o corpo sobre a cidade, a representação de uma ideia suicida. Já pintei autorretrato depois de visitar meu pai pela última vez no hospital. O engraçado é que, quem compra, não vai ter a menor ideia do que sentia naquele momento, cada obra ganha um significado próprio.